

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº57 - JULHO - PORTO VELHO, 2002
VOLUME IV
ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
ARTUR MORETTI - Física
CELSO FERRAREZI - Letras
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MARIA CELESTE SAID MARQUES - Educação
MARIO COZZUOL - Biologia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

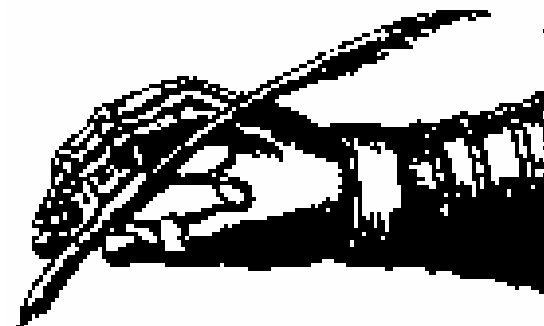
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
ALBERTO LINS CALDAS

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

57



**REPETIÇÃO E LITERATURA:
NOTAS SOBRE UM CONCEITO**

ALBERTO LINS CALDAS



REPETIÇÃO E LITERATURA:

... variaciones con repetición ilimitada ... (Borges, La Biblioteca de Babel)

1- Para Freud a repetição é um conceito que está disperso mas fortemente constituído sobre o tecido da Psicanálise. A “repetição de antigas experiências” atravessará a obra de Freud germinando em conceitos como Compulsão, Princípio de Prazer, Pulsão de Morte, Ligação, Inconsciente, Consciente, Perlaboração sendo, inclusive, uma das buscas do Método Psicanalítico. Os “rituais obsessivos” que não se calam e se dizem entre o dizer; os sonhos repetidos; os delírios sempre os mesmos; os medos. Esse falar-antigo (traumático) que aflora como espinhos no tecido do discurso, vem tanto no discurso diurno quanto nos discursos oníricos, do devaneio ou do delírio. À uma “compulsão à repetição” e através dessa compulsão dentro do discurso, das irrupções dessa compulsão, busca se chegar às razões da repetição, mas não somente o desagradável é repetido. Sendo a essência da repetição, ainda assim o traumático não se resume a um “sofrimento recalcado”. Depende de quem viveu determinada experiência, em que contexto e em quais relações. A repetição dolorosa pode esconder um prazer proibido, um gozo, uma fuga, o descortinar de um mistério. Para Freud se procura, sob a máscara de sofrimento, chegar ao prazer, a uma “realização do desejo”. O resíduo se realiza, aponta para algo maior que o próprio resíduo. A necessidade-de-repetição faz chegar à repetição-da-necessidade, e “por-baixo” encontramos a repressão, o gesto, o *ethos*, o teatro-família, o grande-peito. Dizendo necessidade estrutural, em psicanálise, está se dizendo estrutura psíquica, o consciente e o inconsciente que, sendo linguagem os dois, comungam com a repetição o ser mesmo da sua estrutura, existência, sentido e funcionalidade. Resolver o “problema da repetição” seria dissolver a própria essência tanto do inconsciente quanto do consciente. Mas para Freud é o consciente que com sua linearidade racional pode buscar fazer cessar a repetição obscura do inconsciente.

2- Para Lacan (o mesmo para Freud?) o conceito de repetição é fundamental para o funcionamento psíquico. A compulsão como uma recordação, uma “força demoníaca que sobrepuja o princípio de prazer”, demonstrando como é uma noção que caracterizará o próprio conceito de inconsciente. O encontro com o real. A repetição seria a tarefa da pulsão de morte na “ordem do real” [e como o real só se diz através do sofrimento, da morte, da compulsão, do “sentimento trágico”, a repetição (como aquilo que diz obsessivamente o dentro como essência, o fora como aparecência do dentro) é a noção fundamental para dizer esse real que se tornou o nosso real, não mais o Real lacaniano]. E a brecha e as articulações entre a repetição e o real são reinteradas pelos sonhos num eterno retorno. No entanto o sonho repetido não encontra nada. Não havendo origem, o texto sem entrada e sem saída de Barthes, o sonho se repete sem encontrar-se, sem nada

encontrar a não ser a si mesmo, descascando a si mesmo e o outro. Mas ao não encontrar nada, a não ser o silêncio traumático em repetição, o repetido vai se misturando com o real num circuito de diferença do mesmo. A insatisfação faz parte do eterno retorno da repetição: ali não há nada havendo tudo: e escapa por entre os dedos o sentido, a razão, o desejo, o gozo: passado e presente escapam ficando somente o silêncio, o vazio, a negativa.

3- Sub-vertendo, re-direcionando Assoun (1979: 67): "... a repetição tem por função (...) inscrever o acontecimento na consciência. (...) em sua primeira instância, ela não existe ainda senão em si, como um dado na história, (...) na sua segunda edição ela existe para a consciência (...). Não é nada menos que a passagem do em-si para o para-si que a repetição torna possível." Instaurada a repetição torna-se a própria história, a narrativa, o tema, o em-torno: a consciência é posta em teatro: passa-se da ordem do objeto (principal transe tanto da Filosofia quanto da Ciência) para a ordem da consciência, para o des-velado. Citando Hegel Assoun (1979: 67) diz: "A repetição realiza e confirma aquilo que a princípio parecia somente contingente e possível." No entanto o "princípio de identidade" afeta a reflexão de Assoun-Hegel: "... a própria idéia de repetição implica a homologia literal (...). Se é 'duas vezes' a mesma coisa que se produz, não pode haver aí determinações suplementares na segunda unidade em relação à primeira." A repetição jamais poderá ser, literariamente, a-mesma-coisa-repetida. Cada passagem-repetida, cada verso reinterado, é diferente. A repetição implica na diferença, não no mesmo, na identidade. É sempre a multiplicidade que encontramos. A sensação simples de repetição é um efeito da polifonia, da teatralidade, do dialogismo, não da uniformidade: é um artifício da própria repetição em seu mimetismo.

4- No texto literário a repetição de sinais, letras, palavras, frases, imagens, é também "sintoma" "pressentimento", "presságio", "indício" de um signo, um símbolo, de um arquétipo, de uma coerência, de uma profundidade, de uma estrutura que flui e escapa para a superfície, para uma forma de visível e para um visível da forma, para uma espécie de manifestação, um não se conter que permite visl-umbrar (como possibilidades imaginativas: leituras sempre múltiplas e não no-texto) a "estrutura de uma existência" e a "rede organizada de obsessões" (Barthes, 1991: 9); mas redes, estruturas e obsessões do texto, do personagem, não do escritor, do autor, da sociedade. Obsessões que fluem, mergulham e reaparecem exigindo, nos pontos de irrupção, nas configurações que estabelece com outras conjunturas, momentos, imagens, sempre uma outra interpretação, um outro des-focamento. A repetição, por estar sempre em outra con-figur-ação, é sempre diferente, com-testando o próprio conceito de repetição, tornando-a somente uma forma da diferença, uma indicação para o olhar, uma dobra reconhecível em sua estranheza, em sua entranha: o diferente re-dizendo-se. Uma repetição ritual, psicanalítica, mítica, retórica (Vieira, Euclides, Nava), bachelardiana (matérias, imagens, sonhos, devaneios), biológica (reprodução, divisão, evolução), econômica (produção: distribuição: consumo: re-produção), cotidiana (as cenas repetidas do dia-a-dia, a rotina), midiática (cinema, televisão, jornal, revista, radiofônica, internet).

5- O signo é referente e referência, significado e significante, sujeito e objeto: na língua a coisa e o que a coisa significa se resume numa mesma manifestação: e sem a Natureza e sem o "olho de deus" da Ciência é impossível escapar da *linguagem* enquanto práxis-poiesis do existente.

6- As "significações ocultas" insistentemente reaparecem as mesmas ou com sutis modificações, tanto para dizer-se quanto para ocultar-se. Nesse mostrar-se e nesse ocultar-se está o "estilo de uma existência", o "sistema ressurrecional" do personagem (Barthes, 1991: 77). As repetições literárias são "inescapáveis", são "escolhas existenciais" (imagens traumáticas, imundas, sublimes, únicas: poli-fonia que se traduz numa mesma expressão), um "tema musical" que reaparece em todo o texto-sinfonia, redimensionando o que não aparece como repetição. "O caráter iterativo do tema só é, aliás, eficaz porque há [...] uma fixidez verbal dos temas: eles são assinalados sempre pela mesma palavra ou a mesma imagem [...] uma náusea particular, a que é associada a uma substância ..." (Barthes, 1991: 168).

7- A repetição segue padrões mas se abre ao aleatório num processo que é ao mesmo tempo complexo, com interações entre seus componentes que vão acumulando transformações, e simples porque dizem somente um mesmo sistema e suas possíveis variações. No entanto essas variações se abrem para um inesgotável se levarmos em consideração o lugar em que ocorrem e as novas com-figurações (figuras, combinação de figuras, constelação de figuras) que formam, modificando assim as outras com-figurações, pois põem a ler e dialogar as várias modificações e seus com-textos: figuras que dialogam por baixo do pano, figuras que brigam por baixo do pano, figuras que são por baixo do pano: figura contra figura: luz e sombra: movimentos.

8- Na tese deleuziana a diferença, em seu grau máximo, é o que existe na repetição de algo idêntico. A tradição ocidental mistura o conceito de diferença com a diferença de conceito: dois entes só são diferentes quando ditos diferentemente; a repetição precisaria ser idêntica mas diferente no tempo. Para Deleuze o ser é tempo, é diferença, conceito central do seu pensamento. A noção de subjetividade e, principalmente de identidade, é o que desviou a reflexão sobre a diferença, o que o levou a uma releitura da filosofia ocidental e da obra de Proust e Kafka. Divide o conceito de diferença, enquanto coisa ocultada, em diferença intrínseca (x e y são diferentes ao se definirem da mesma maneira) e diferença extrínseca (x e x' são diferentes por não ocuparem um mesmo espaço, mesmo sendo definidos da mesma maneira). Nesta segunda maneira temos a repetição do idêntico, que não é jamais a repetição de uma origem. Assim é questionado o "princípio de identidade" e o conceito de "sujeito". A repetição seria uma diferença-sem-conceito. E tudo dependeria da identidade-de-algo. E tudo se re-envolve nas lógicas da identidade: e um mundo, quase sempre, fica de fora: e a literatura é o próprio mundo, não um mundo que se re-apresenta: é o mundo antes do mundo. Deleuze põe sua questão, mas não como elemento literário, que não é problema seu, tanto de uma literatura em construção nem como conceito de "análise literária".

9- A repetição faz com que pontos do texto entrem em relação com outros pontos, com nós, com laços, com nervuras, com dobradiças: aparencias e funduras: se correlacionem, redimensionem arejando, com específicos "buracos de coelho" (Caldas, 2001a), o texto inteiro, abrindo-o a inesperados sentidos, dimensões, rotações. Inarticuladas galáxias imperceptíveis. Essas galáxias re-lêem o texto, disseminando outros sentidos, re-vêm o conjunto, o que não se parece repetição e, ao final, é tão somente repetição camuflada, repetição oculta, grandes ciclos de repetição: simplesmente

porque falta ao mundo e à literatura força para produzir novidades que não sejam repetições (a intertextualidade não é mais que uma forma externa de repetição).

10- Como uma semelhança (o filho que espelha um-algo estrutural do pai: por traz dele há um outro rosto: rostos outros em fotos, quadros e memórias, sem original), uma caricatura (os traços essenciais, o modelo, o transe): a repetição como uma tentativa do personagem, do narrador dizer suas "preocupações essenciais". Borges e sua tara por espelhos (o mesmo ao infinito) e pela copula (o diferente vindo sempre do mesmo): o pavor ao idêntico, ao gêmeo, às reproduções gráficas, biológicas, escriturais. Laços de repetição que fogem do mesmo voltando sempre a ele. Figuras de repetição que se abismam nas águas do mesmo lago, nos líquidos dos mesmos olhos que se estranhas mas se reconhecem: medo da bastardia: a procura pelo pai em si mesmo: o desespero do mesmo mesmo sendo outro.

11- A repetição como uma "essência da vida" (Vico e seus *ricorsi* germinando na vida de Dedalus, Bloom e Molly, e até mesmo no rio corrente Anna Lívia Plurabelle; ou a Vontade de Potência fundada pelo Eterno Retorno nietzschiano): essência da ficcionalidade fundante: parte inextirpável da virtualidade. Se se repete é porque não é "superficial", não é um "mal-entendido", não é uma exceção. No entanto a repetição jamais é realmente uma repetição. Há sim re-agrupamento, re-arranjos, e o conjunto repetido esta sempre em-outro-contexto. A repetição é irrupção des-programada, dissipativa, irresistível, aleatória. Qualquer gramática da repetição adviria de uma teoria e não da matéria literária. A repetição não como elemento para buscar estrutura, sistema ou modelo, mas para compreender e avaliar singularidades. A saturação do texto, a repetição e o excesso da escrita (um excesso da leitura?).

12- Há sensações, impressões, vivências, emoções que precisam, para se dizerem em sua dimensão, para dizerem o mundo a partir da sua perspectiva, se repetirem e tornarem a se repetir. Algo que não se satisfaz com um-dizer; não se define com uma aparição; não aparece com uma descrição; não se completa numa estilística; não pode obedecer a uma gramática, a uma sintaxe. E esse algo repetido não é, normalmente, simplesmente uma repetição, mas um complexo em suas várias arestas. Essas arestas (a diferença do mesmo) aparecem pelas modificações provocadas pela repetição, pelo contexto sempre diferente ou igual em outra circunstância, alargando o repetido e iluminando os veios interiores do texto, ex-pondo "buracos-de-coelho", in-vertendo o texto (pondo para fora o que estava dentro e para dentro o que estava fora: ou tornando texto o que era repetição e tornando repetição o que era texto), criando aberturas, ligações, iluminando planos escondidos (todos re-inventados pela leitura), in-tenções complexas, sentimentos, faces, desejos, corpos, práticas, que para se demonstrarem exigem repetição. Repetição que também seja utilizada para reforçar a grandeza do acontecido, do vivido, do sentido (a partir desse ponto, desses nós, se conta algo). A repetição como memorização: contar mais como uma ex-tenção do "trauma": dizer sempre para não esquecer e não fazer esquecer: uma tentativa desesperada contra o inescapável esquecimento.

13- O contexto é somente um artifício da repetição. O que se garante com a repetição com a obsessão, com o reiterado desejo, com o gozo adiado que re-vela, é a diferença em seu fluxo. O contexto esconde, expõe, dissimula, exhibe, disfarça as repetições porque sua função é, exibindo, ocultar aquilo que se joga no redizer-se: o con-texto é segregado pelas repetições, para ex-pôr as repetições.

14- Para Kierkegaard a repetição leva ao ser, ao que nele é perene. Para ele dizia respeito à "vida ética" e não a "vida estética". Como um "romântico" via na repetição tanto um caráter trágico quanto um inimigo da Arte, pois está estava em busca da eterna novidade. No entanto as suas dúvidas, tremores e temores, sua inescapável angústia e medo, tinham muito mais de repetição obsessiva, com sua ampla dimensão estética, do que uma expressão religiosa ou ética, se bem que nessas instâncias a repetição faz parte constitutiva das suas manifestações.

15- Aquilo que se repete não foi vivido, não é aquilo-que-foi: é um "texto", um "nódulo" posterior que exigiu com-texto e seus fluíres (devires em fluxos circulares ou espiralados) numa história: é narração, articulação narrativa. Não é uma réplica, um clone: o novo é somente a cobertura sumarenta da repetição (Balzac, Proust).

16- O labirinto (sem entrada, sem centro, sem saída: nem mesmo os labirintos, nem o ser ou o saber possuem mais um centro: somente certos poderes ainda sonham com o centro e a centralização); os ciclos temporais: o dia e a noite, o verão e o inverno, o outono e a primavera; o Oroboros: cobra que chupa a ponta do rabo: mitologias onde a criação volta ao pai ou termina num retorno à pureza original como na mitologia cristã; os rituais que fazem sempre voltar o tempo primeiro: neles o deus retorna, pode ser sorvido seu sangue ou engolido sua carne infinitas vezes: o "regresso periódico ao tempo mítico" de Eliade. A repetição é um conceito religioso, mítico, ritual, neurótico, portanto, essencialmente estático e erótico: pode dizer-nos muito mais profundamente que outro conceito, figura, imagem, signo. Purificados da loucura romântica e modernista de confundir arte com novidade, pureza de estilo e irrepetibilidade, podemos ver melhor o quanto o novo repetia internamente e o quanto repetia escondendo modelos, influências, arquétipos, padrões.

17- A repetição é um pequeno labirinto aberto para todos os outros labirintos do texto.

18- Proust não escreveu "Em Busca do Tempo Perdido" para "contar sua vida", seu tempo, seu mundo: mas para contar precisas obsessões, precisos nós, precisas dobradiças. A Busca torna "sua história", "seu mundo", "seu tempo", artifícios, coberturas, estetizações em volta de um núcleo denso de pura repetição. Em volta dessas obsessões cresce uma vegetação textual: uma proliferação viral, uma infestação bacteriana: uma erupção: isso é o texto proustiano: algo que cresceu em torno de uma tensão e criou pontes entre outras tensões e seus casulos, dando-nos a sensação de "texto corrido": ilusões da repetição que se esconde na diferença. Sua meta literária é vomitar esses nós; é esconder esses nós; é ex-pôr esses nós; é dobradiçalizar esses nós: sua magia ad-vem desses artifícios miraculosos. Antes de Proust praticamente ninguém levou este "método" [Baudelaire,

Flaubert] ao paroxismo da segregação absoluta em torno de quase nada: uma cadeia de obsessões que não cessa e no fim, o Oroboros do texto, morde o rabo e começa a se devorar novamente, sempre diferente, numa repetição sem fim e tão magistralmente orquestrada que praticamente não aparece.

19- Graciliano em "São Bernardo", com a recorrência do pio da coruja, chama atenção não somente para uma "origem", mas para uma culpa que não é somente recordação (restos proustianos), mas que para existir, se mostrar, se explicar põe em funcionamento a própria história como um todo. "São Bernardo" é o pio da coruja, nasce do imperativo pio de coruja, enrosca-se nos pios das corujas. Não é uma história que tem um pio que se reproduz (aqui quem se reproduz é o pio e não a coruja). A narrativa inteira é um quiasma, uma simples repetição invertida, que não aparece como repetição, mas com as repetições dentro, quando, na verdade, o eixo é a repetição e seus artifícios que pro-criam a história (as obsessões criam a história para se dizerem e atraírem o olhar, a vida do outro para si mesmo: atraírem atenção). O "doce fio" que é a história é um fio de baba, de emoção, de erupção, de conquista, de flu-ir, de enfim se dizer, se diz-ser: uma condensação em volta de uma obsessão.

20- "Na torre da igreja uma coruja piou. Estremeci, pensei em Madalena. [...] ouvi novo pio de coruja – e iniciei a composição de repente [...]. Uma coruja pia na torre da igreja. Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que piava há dois anos? Talvez seja até o mesmo pio daquele tempo. [...] Quanto às corujas, Marciano subiu ao forro da igreja e acabou com elas a pau. [...] Um assobio, longe. Algum sinal convencional. – É assobio ou não é? [...] Uma tarde subi à torre da igreja e fui ver Marciano procurar corujas. Algumas se haviam alojado no forro, e à noite era cada pio de arrebrantar os ouvidos da gente. Eu desejava assistir à extinção daquelas aves amaldiçoadas. [...] Uma coruja gritava. E Marciano surgia dos esconderijos cheios de treva, [...] – Mais uma. É um corujão da peste [...] e esperava que aqueles pios infames me deixassem enfim tranqüilo. [...] ouvi um grito de coruja e sobressaltei-me."

Fragmentos de um livro inteiro entre outras obsessões como mulher, charutos, ciúme, traição, dinheiro, terras, morte: sem os con-textos, sem as articulações, sem as conseqüências, sem interpretação.

21- Em Bernhard a repetição é quase sempre de palavras, que ficam em volta como moscas, indo e vindo. Algumas cenas onde tudo gira em torno e um ponto fixo narrativo onde tudo fica circulando. Cada fragmento é minuciosamente e paranóica-mente repetido em círculo, até se espatifar completamente e se tornar outra coisa.

22- A simples obsessão não cabe em si; a compulsão não se contém; a energia não se condensa nem se dissipa; não basta a si mesma: exige fluir, exige outras palavras, imagens, desejos: exige a narrativa para se cobrir e se dizer. Por isso é livre em suas manifestações. Surge fora de leis e gramáticas, fora de pontos certos numa estrutura: sua irrupção deve-se ao desejo e às deformações assimétricas de irrupção. No entanto o conjunto particular ou o vasto conjunto parecem sempre simétricos, sincrônicos, estruturais.

23- A simetria não é nunca da ordem dos objetos (como tanto exercitou Robbe-Grillet, a *nouvelle vague* ou o Cinema Novo de Glauber): a simetria é da ordem do caos, da dissipação, da dissolução, da força incontida: sua ordem, sua compreensão exigem outra instância, fora das forças e poderes da mercadoria: daí a dificuldade em vê-la ou torna-la plenamente compreensível. Toda simetria é repetição.

24- Vieira com uma idéia, uma imagem, uma raiva, uma sensação, um sonho, uma decepção, uma alegria, uma necessidade, um acaso, um vislumbre, um minúsculo núcleo, um quase nada:- fazia incidir sobre esse ponto tenso, sobre a tensão desse ponto minúsculo, sobre o minúsculo tenso, todas os poderes da Retórica, todas as palavras da Fé, todas as sutilezas da Escolástica, todas as páginas do mundo, todas as astúcias da Arte Literária, todos os laços dos Gestos, da Voz e da Escrita e nascia um sermão que era um nada obsessivo cercado de cultura por todos os lados.

25- A repetição não é um "voltar a andar o mesmo caminho"; ou "reviver o já vivido". Não é a imitação de uma primeira manifestação e nem se esgota em sua última aparição. Seu primeiro momento é somente formal. Todas as repetições são primeiras e finais: o dentro que se ex-põe.

26- Um não dito, não plenamente vivido se repete, escondendo seu nóculo: a repetição é esse não dito inter-dito. Literariamente só adquire valor quando transcende a mera cópia; quando guarda uma energia maior, uma força preste a explodir; quando gera a própria polpa-narrativa; quando não é somente "estilo": só poderia ser dita daquela maneira: a repetição não é elemento da obra inteira de uma vida, mas de determinadas obsessões (esse talvez seja a "deficiência" de Bernhard: tornar a repetição toda a sua obra: nele não há quase nada que não seja repetição repetida).

27- A repetição garante a realidade, a duração, o ser mesmo daquele que repete, pois a essência do ser é repetição (já não podemos ver diferente). Todo ele adquire significado na exata medida da repetição. Mas a obsessão que moveu o fluir narrativo não se encontra *ab origine*, mas sempre num imediato que se abre, se despetala, se gasta enquanto presente: nesse presente o seu sentido, a sua significância.

28- Somente aquilo que se repete tem *realidade* dentro do texto (deve ser ouvido além do simplesmente lido). O que não se repete só tem sentido em sua relação viva com o repetido. Só o que não se repete é a repetição; o que não se repete é a mais pura repetição.

29- O repetido é um *mobile* imóvel aprisionado numa dobra do imediato do presente, projetando em todas as outras dobras réplicas de si mesmo, a ponto de não se saber onde se encontra o repetido original ou final. Todos eles são origem e fim de algo que se esconde dizendo. A repetição é como desdobramos o imediato nos imaginários do além-aqui e nos fundamos criando o universo.

30- A repetição rearticula o tempo linear, evolutivo, histórico num inextricável nó: tudo se passa ali dentro (o universo kafkiano é sempre o da repetição, o de dentro, o circular), ali em volta da repetição (o pai, a justiça, a dor, a injustiça, a doença, a fraqueza, a incompreensão, a incomunicabilidade, o silêncio, a impotência: kafkianas). O tempo torna-se o tempo presente, o tempo do narrador, o transe do recordar, do gritar e do diz-ser. E o tempo, como o entendemos e sentimos, desaparece. O narrar o mantém prisioneiro dos seus nós (o homem do subterrâneo, Raskolnikov, Ivã Karamazov). Nada é irreversível. A repetição o torna sempre presente, mesmo quando é uma única vez (a ilusão do não repetido, quando o narrar já é

uma forma de repetição e o leitor/ouvinte pode sempre voltar, repetir todo o percurso). A repetição é uma fuga da memória, do tempo, da história. Há somente as obsessões repetidas por dentro da polpa segregada por elas.

31- Parece haver uma espécie de repetição retórica ou poética e uma repetição obsessiva. A primeira pode ser encontrada na literatura antes do século XVIII; a segunda começa com Hoffmann, Balzac, Poe, Flaubert, Dostoiévski, Melville e converge para Conrad, Proust, Kafka e daí para Borges, Beckett, Bernhard. Na primeira a repetição é consciente, faz parte dos artifícios, é visível, exigida e comunga com o estilo, a gramática e a beleza; a segunda é interna, condiciona e secundariza o texto (a história, o enredo, a narratividade) aos núdulos que se tornam os condutores do fluxo, os eixos de tensão. Na primeira a repetição se integra ao conjunto como mais um elemento poético/retórico, trazendo ênfase, destaque, relacionamento, harmonia, tradição e musicalidade; o segundo cria arestas, clivagens, erupções, obsessões, imobilidades, angústias. Transforma-se em método, em ser, em gnose, em palavra e imagem.

BIBLIOGRAFIA

- ASSOUN, Paul-Laurent. **MARX E A REPETIÇÃO HISTÓRICA**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1979.
- BARTHES, Roland. **ROLAND BARTHES POR ROLAND BARTHES**. Cultrix, São Paulo, 1977.
- _____. **MICHELET**. Companhia das Letras, São Paulo, 1991.
- BERNHARD, Thomas. **ÁRVORES ABATIDAS**. Rocco, Rio de Janeiro, 1991.
- _____. **EXTINÇÃO**. Companhia das Letras, São Paulo, 2000.
- CALDAS, Alberto Lins. **ORALIDADE, TEXTO E HISTÓRIA**. Loyola, São Paulo, 1999.
- _____. **NAS ÁGUAS DO TEXTO**. EDUFRO, Porto Velho, 2001a
- _____. **DO TEXTO AO HIPERTEXTO: DA LEITURA À HIPERLEITURA**. Primeira Versão/22-UFRO, Porto Velho, 2001b.
- _____. **NOTAS SOBRE LITERATURA E ARTE**. Primeira Versão/50-UFRO, Porto Velho, 2001c.
- DELEUZE, Gilles. **PROUST E OS SIGNOS**. Forense-Universitária, Rio de Janeiro, 1987.
- _____. **DIFERENÇA E REPETIÇÃO**. Graal, Rio de Janeiro, 1988.
- _____. **LÓGICA DO SENTIDO**. Perspectiva, col. Estudos/35, São Paulo, 1998.
- _____.; GUATTARI, Félix. **KAFKA: POR UMA LITERATURA MENOR**. Imago, Rio de Janeiro, 1977.
- ELIADE, Mircea. **O MITO DO ETERNO RETORNO**. Edições 70, Col. Perspectivas do Homem/5, Lisboa, 1988.
- _____. **O SAGRADO E O PROFANO**. Edição Livros do Brasil, Col. Vida e Cultura/62, Lisboa, sd.
- FREUD, Sigmund. **A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS**. Obras Psicológicas Completas, vol. IV/V, Imago, Rio de Janeiro, 1972a.
- _____. **O EGO E O ID**. Obras Psicológicas Completas, vol. XIX, Imago, Rio de Janeiro, 1972b.
- _____. **RECORDAR, REPETIR E ELABORAR**. Obras Psicológicas Completas, Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1976a.
- _____. **ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER**. Obras Psicológicas Completas, Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1976b.
- LACAN, Jacques. **SEMINÁRIO XI. OS QUATRO CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA PSICANÁLISE**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1979.
- PROUST, Marcel. **EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO**. Globo, 2ª ed., Porto Alegre, 1956.
- _____. **EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO**. Ediouro, 3ª ed., Rio de Janeiro, 1992.
- RAMOS, Graciliano. **SÃO BERNARDO**. Record, 58ª ed., Rio de Janeiro, 1992.
- WILLEMART, Philippe. **PROUST, POETA E PSICANALISTA**. Ateliê Editorial, Cotia, 2000.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos
publicados

SUGESTÃO DE LEITURA

ANÁLISE DO DISCURSO
Uma Leitura e Três Enfoques

IRACEMA GLABER, NAIR GURGEL, TÂNIA ROCHA PARMIGIANI
Editora da Universidade Federal de Rondônia

RESUMO: A partir da fundamentação teórica da Análise do Discurso francesa, este estudo toma três terrenos diferentes dispostos nos temas do seu sumário, mas sua relevância está em possibilitar a visualização da multiplicidade de sentidos dos textos. Alguns aspectos são abordados com propriedade como o papel do sujeito, a importância das condições de produção, o jogo das imagens, os aparelhos ideológicos de reprodução, o livro didático, as paráfrases, a polifonia, e a heterogeneidade discursiva

SUMÁRIO: Clichês em redação do vestibular: uma estratégia discursiva; Poesia na escola: presença/ausência; As falas do réu.

Áreas de interesse: Letras, Análise do Discurso, Linguística, Filosofia.

Palavras-chave: texto, discurso, escola, poesia, sujeito, imprensa, direito.